

AS PRÁTICAS DISCURSIVAS DO PROFESSOR FRENTE À VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES.

Lidiane dos Santos Barbosa

Mestranda em Educação
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
lidibarbosa@rocketmail.com

Prof^a. Dr^a. Ana Maria Gama Florêncio

Orientadora
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
amflorencio@uol.com.br

RESUMO

O presente estudo é resultado do projeto de pesquisa que está sendo desenvolvido no Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Alagoas. Ele visa a oferecer subsídios teóricos para uma reflexão sobre a violência sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes, através do discurso do educador. Com foco na abordagem pedagógica do professor sobre a temática de violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes, o presente trabalho busca analisar as práticas discursivas docentes de uma escola da rede pública do município de Maceió, mediante a identificação dos temas trabalhados em sala de aula pelo professor de educação básica. O *corpus* se constitui, pois, de entrevistas com estes profissionais, visto que estão em contato direto e cotidiano com crianças e adolescentes. Para desenvolver esse estudo, estamos lançando mão dos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso da vertente francesa, por entendermos que os discursos das profissionais estão envolvidos por variadas determinações históricas e ideológicas, que influenciam suas práticas discursivas.

PALAVRAS-CHAVE: Professores, Violência Intrafamiliar, Crianças e Adolescentes e Análise do Discurso.

ABSTRACT

This present studying is result of a research project which is being developing in Education Master by the Universidade Federal de Alagoas. It aims to offer theory subsidies for a reflection about intrafamiliar sexual violence, against children and teenagers, through of teacher discuss. With focus in pedagogical approach from teacher about the thematic of intrafamiliar violence against children and teenagers, the present working searches to analyze the discursive teacher practices from a public school at Maceió city, through the identifying of worked themes by teacher. The corpus

constitutes itself by interviews with these professionals, because they are in direct and constant contact with children and teenagers. To develop this studying, we are treating the theory methodological approaches of Discuss analysis from French versant, cause we understand those professional discusses are involved for varied historical and ideological determinations which influence their discursive practices.

KEY-WORDS: *Teachers- Intrafamiliar violence – Children and Teenagers – Discuss Analyze.*

Apresentação

A violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes é uma das formas, dentre as várias modalidades existentes no âmbito das relações sociais. Assim como a violência urbana, a violência intrafamiliar afeta a sociedade por inteiro, uma vez que interfere na constituição da família e de seus laços afetivos; esta modalidade é uma negação dos direitos e dos deveres da criança e do adolescente. Geralmente, acontece quando o adulto cuidador – pai, mãe, parentes ou responsáveis – se apropria de um suposto poder, mantido e reforçado pelas normas culturais, submetendo a criança e/ou o adolescente aos atos de violência física, sexual, psicológica, ou mesmo negligenciam nos cuidados para com eles (cf. ECA, 1990). “Na perspectiva da vitimização, os maus-tratos físicos e o abuso sexual ocorrem, não por um desvio, anormalidade ou por uma pulsão sexual irreprimível do agressor, mas por uma relação de poder” (AMARO, 2003, p. 27). As relações de poder estabelecidas no convívio social, construídas ao longo da história humana são fortes indícios da existência da violência intrafamiliar, mas é importante considerar os traços de desvio da personalidade, já que estes, também são construídos histórica e culturalmente. Mélo (2006) faz um minucioso estudo sobre o abuso sexual infantil e discorre sobre as causas historicizando-as.

Sendo guiado por um padrão adultocêntrico e autoritário, de acordo com Azevedo e Guerra (1989), a violência intrafamiliar:

[...] representa todo ato ou omissão praticado por pais, parentes ou responsáveis, contra crianças e/ou adolescentes que – sendo capaz (sic) de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima – implica, de um lado, uma transgressão do poder/dever de proteção do adulto e, de outro, uma coisificação da infância, isto é, uma negação do direito que crianças e adolescentes tem(sic) de ser tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento (AZEVEDO e GUERRA, 1989, p. 32-33).

A violência é mais um tema passível de análise das representações e discursos, a partir da distinção das categorias presentes no tema. A análise de suas entrelinhas favorece ao analista desvendar os sentidos implícitos no funcionamento da subjetividade social, que submete crianças e adolescentes aos atos violentos, mas que se submetem ao mesmo tempo quando sofre todas as suas consequências.

O propósito deste artigo é apresentar reflexões acerca do tema, uma vez que ele surge mediante as minhas inquietações nas diversas experiências com casos de violência, verificadas nos atendimentos às vítimas, no decorrer da minha atuação como psicóloga jurídica num Centro de Apoio às Vítimas de Crime, e também, dos meus questionamentos teóricos nos cursos de graduação em Psicologia e especializações em Psicologia Social e Jurídica.

Além da experiência nos atendimentos às vítimas, a oportunidade de contato em um curso de extensão sobre violência doméstica, com professores de Escolas Municipais e Estaduais em União dos Palmares, no Estado de Alagoas me fez constatar que a Educação é um dos fatores que podem compor as estratégias de enfrentamento do fenômeno da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes, visto que a escola é um dos lugares constituídos para promover a evolução humana e não a reprodução de conceitos socialmente cristalizados sobre a educação de uma criança.

O que nos chamou a atenção para o estudo das práticas discursivas docentes foi a possibilidade de compreender como se dá o processo de educação, a partir da relação professor-aluno, na possibilidade de ser este, um fator de prevenção ou combate à violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes inseridas no âmbito escolar.

De acordo com a constatação de vários estudiosos (Azevedo e Guerra, 1989; Faleiros, 1997; De Antoni e Koller, 2000) de que a violência intrafamiliar é compreendida como um fenômeno sócio-cultural entende-se que este é um problema que somente poderá ser solucionado, se desconstruído, mediante a reflexão crítica da sociedade. Sendo que a escola se configura como o lócus privilegiado para se promover tal desconstrução.

A prática discursiva do professor será aqui analisada sob a perspectiva teórico-metodológica da Análise do Discurso de vertente francesa, para que possamos verificar os envolvimento desses profissionais, em variadas determinações históricas e ideológicas, que marcam suas ações cotidianas.

Para tanto, serão realizadas entrevistas semi-estruturadas com os docentes de Escolas de Ensino Básico do Município de Maceió. Nossa escolha desses sujeitos do estudo será determinada pela experiência dos docentes com alunos, com idades de 0 a 12 ou de 12 a 18 anos, que foram ou são vítimas de violência intrafamiliar.

A prática discursiva do professor: fundamentos e análise

A prática discursiva do professor pode contribuir com a diminuição dos índices estatísticos de violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes? Essa pergunta propõe a busca por uma compreensão da problemática da violência intrafamiliar, mediante as práticas discursivas docentes, a partir do estudo realizado no decorrer do Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Alagoas, a fim de contribuir com novas possibilidades para a diminuição dos casos de violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes.

Como já foi dito, a prática discursiva do professor deve ser analisada sob a ótica da Análise do Discurso, perspectiva teórico-metodológica de vertente francesa, adotada por Pêcheux, quando propõe que se tenha como objeto de estudo o discurso, que “[...] opera a articulação entre o lingüístico e o histórico” (PANIAGO, 2008, p. 22). O lingüístico, o histórico e o ideológico estão presentes no cotidiano de todos, inclusive na prática diária de professores na sala de aula. Ou seja:

Ao produzir um discurso, pois, o autor, além de expressar sua visão de mundo, joga também com as mais variadas intenções. [...] ao tempo em que lança mão de estratégias para imprimir ao texto poder de persuasão, dotando-o de força argumentativa, o enunciante imprime também sua subjetividade, sua maneira de captar a realidade e interpretá-la. (CAVALCANTE, 1996, p.91)

Assim, considera-se que a prática discursiva do docente expressa sua historicidade constituída ao longo de sua caminhada pessoal e formação profissional. A linguagem verbal e não-verbal, assim como o silêncio diante da criança e do adolescente que sofre violência intrafamiliar pode ser a expressão de sua prática discursiva, pois, “para compreender a linguagem é preciso entender o silêncio para além de sua dimensão política” (ORLANDI, 1997, p. 31). O silêncio vai comunicar, dessa forma, variados sentidos. Falando ou silenciando, tornando seu texto implícito ou explícito, o educador estará expressando e produzindo sentidos, carregados de seu posicionamento ideológico, frente à criança e/ou adolescente – ou mais especificamente, seu aluno – vítima de violência intrafamiliar. Partindo do princípio de que o discurso não é neutro, nem tampouco inocente, podemos inferir que todo discurso é ideológico. Dessa forma, Cavalcante (1996, s.p.) contribui afirmando que “nesse sentido atua a ideologia entendida como elemento selecionador e hierarquizador de valores culturais rumo à homogeneização de concepções de mundo”.

De acordo com a perspectiva da AD, os efeitos de sentidos nos discursos dos docentes são resultantes de um processo histórico-cultural que se produz na interação social, num determinado contexto histórico. Destarte, é necessário compreender a construção dos conceitos sobre a violência intrafamiliar destes profissionais, tomando como ponto de partida a sua definição do que é educação, a que ela se propõe no atual contexto social.

Formação acadêmica, valores sócio-culturais normas legais e institucionais são as condições de produção do discurso, possíveis na práxis do educador, ou seja, são situações em que o sujeito/educador está inserido, que fundamentam a formação de suas concepções sobre a problemática aqui tratada. Devem-se analisar as circunstâncias da sua produção, uma vez que esse sujeito/educador não é “descolado” de sua realidade sócio-cultural. Segundo Bakhtin (1981), os sentidos discursivos são determinados, pela situação social mais imediata, resultante do meio social mais amplo. Orlandi (2001) explica que as condições de produção do discurso estão relacionadas com a memória do sujeito, já que este se inscreve e é suscetível, constantemente, à sua historicidade – formação, crenças, valores, história de vida. Sendo que essas condições refletirão, de forma direta e indireta nas concepções do professor sobre a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes.

A negação ou o silenciamento produzido em discussões dentro da sala de aula sobre a violência intrafamiliar expressa a posição que o sujeito/educador assume diante da problemática. Quando este discute com seus alunos a função social dos indivíduos na sociedade, a partir dos papéis sociais que homens e mulheres devem desempenhar, nos quais, mulheres devem cuidar dos filhos e homens devem trabalhar para sustentar a família, o professor estará imprimindo sua formação ideológica, e conseqüentemente reproduzindo um discurso que segrega e provoca desigualdades sociais. Tal situação se torna mais grave, porque estamos falando de relação professor-aluno, ou seja, o sujeito que recebe a enunciação é a criança e/ou adolescente que, por sua vez, também produzirá seus sentidos, reforçando, assim, o poder da ideologia dominante. Segundo Orlandi (1993), em todo texto pode-se perceber a presença de um outro excluído, mas que o constitui. Aí está a ideologia.

Para Cavalcante (1999, p. 156):

Esses indícios nos são fornecidos não só pelos elementos linguísticos; há outros mecanismos discursivos que também nos fornecem pistas dessas determinações e são detectadas através da leitura do não-dito, ou seja, do que o texto deixa implícito ou silencia.

A fim de que compreendamos o papel do educador, no trato com a violência intrafamiliar, é preciso entender que a formação ideológica do sujeito/educador poderá ser reconhecida através das marcas discursivas de suas falas. Pêcheux (1988) explica que as formações ideológicas são reproduções/transformações que “constituem, simultânea e contraditoriamente, [...] as condições ideológicas da transformação das relações de produção [...]” (PECHÊUX, 1988, p.144). Tais formações ideológicas expressam o processo ideológico presente nas relações sociais formadas a partir das condições de classes vigentes, ou seja, Cavalcante (2007) afirma que ideologia é a elaboração da realidade social originada da relação imaginária dos indivíduos com a coisas concretas – bem e mal, justo e injusto, certo e errado. Dessa forma, a formação ideológica se constitui a partir do antagonismo existente na realidade concreta. Dependendo da formação ideológica do educador, poderemos verificar se há possibilidade de enfrentamento ou de reproduzir a violência intrafamiliar.

Caminho a ser percorrido em busca de respostas

A 1ª etapa da pesquisa acontecerá por uma triagem que visa a identificar os/as docentes que lecionam ou lecionaram para crianças ou adolescentes, ao mesmo tempo em que são interrogados sobre a aceitação de sua participação na pesquisa. Essa entrevista será feita por meio de um questionário semi-estruturado, ou seja, um roteiro que tem como objetivo assegurar a coerência e a coesão do diálogo.

Feita a triagem, serão, então entrevistados/as os/as docentes, selecionados, mediante o mesmo processo de diálogo. Essas entrevistas serão feitas com base na técnica da Entrevista Narrativa, que consiste, segundo Jovchelovitch & Bauer (2002),

num tipo entrevista que encoraja e estimula o entrevistado a contar a história relativa ao que foi solicitado.

A Entrevista Narrativa segue os seguintes pontos:

1. Preparação;
2. Início: começar gravando e apresentar o tópico inicial;
3. A narração central: não fazer perguntas, apenas encorajamento verbal (hum, sim, etc);
4. Fase de questionamento: apenas questões imanentes (uso exclusivo da própria linguagem do entrevistado);
5. Fala conclusiva: parar de gravar e continuar a conversação informal;
6. Construir um protocolo de memórias da fala conclusiva.

Nos procedimentos utilizados, o TCLE (Termo de consentimento Livre e Esclarecido) será apresentado aos colaboradores do estudo - os docentes, que se prontificarem a participar da pesquisa darão legalmente seu consentimento. Posteriormente à coleta dos dados dar-se-á início a do corpus que será acrescido de documentos que norteiam as ações dos docentes.

A análise dos dados, ratificamos, será teoricamente fundamentada pela Análise do Discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a exposição no decorrer desse texto, pode-se perceber que a problemática da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes é um fenômeno complexo que não pode ser compreendido de uma forma simplista e, conseqüentemente, não pode ser enfrentado sem que sejam analisados todos os aspectos de sua gênese.

Como primeira hipótese de enfrentamento levanta-se a participação do Estado no sentido de favorecer e garantir soluções para as problemáticas sociais, mediante a criação de políticas públicas que visem à qualidade de vida de crianças, adolescentes e de suas famílias. As leis devem sair do papel e garantir a equidade social (A escola deve atender às solicitações legais prescritas no ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990). E a escola, como um dos meios educativos, responderia às demandas do problema, no nível preventivo e até no nível curativo. Nela podem-se criar e fomentar reflexões críticas acerca de concepções arcaicas, cristalizadas e baseadas nas divisões de classes, amparadas no modelo capitalista, gerador de relações de poder.

Assim, a escola, se pensada como um modelo que cumpra com o seu papel de transformação social, deve desconstruir as concepções provenientes da classe dominante, nas quais se naturalizam a desigualdade biológica para fundamentar a desigualdade social e, dessa forma, reproduzir violências nascidas no seio da família.

A discussão a ser empreendida deve promover a realização de uma pesquisa científica que contribua para modificação dos recursos utilizados por toda a sociedade, na atualidade, para enfrentar essa crescente problemática social que é a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes.

REFERENCIAIS

- AMARO, Sarita. **Crianças Vítimas de Violência: das sombras do sofrimento à genealogia da resistência. Uma nova teoria científica.** Porto Alegre: AGE/EDIPUCRS, 2003.
- AZEVEDO, M.A.; GUERRA, V.N. de A. (orgs.). **Crianças Vitimizadas: a síndrome do pequeno poder.** São Paulo, Iglu Editora, 1989.
- BAKTHIN, Michael. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** São Paulo, Hucitec, 1981.
- BRASIL, Cecria, Cese, Ministério da Justiça, Fundo Cristão para Crianças. Relatório Final da Oficina. FALEIROS, Vicente de Paula. **A Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes e a Construção de Indicadores: a crítica do poder, da desigualdade e do imaginário.** Brasília, 1998.
- BRASIL. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Lei 8.069/90, de 13 de junho de 1990. Brasília, Senado Federal, 1990.
- CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar. **Palavra e Contra-palavra.** Educação: Revista de Centro de Educação da Ufal, ano4, jul/1996.
- _____. **Implícitos e Silenciamentos como Pistas Ideológicas.** Revista: Leitura – Análise do Discurso, n 23, 1999.
- _____. **Qualidade e Cidadania nas Reformas da Educação Brasileira: o simulacro de um discurso modalizador.** Maceió, Edufal, 2007
- DE ANTONI, Clarissa; KOLLER, Sílvia Helena. **A Visão de Família entre as Adolescentes que Sofreram Violência Intrafamiliar.** Estudos de Psicologia, 5(2), 347-381, 2000. Disponível no site: www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/ , acesso em: 07/12/2005.
- FLORÊNCIO, Ana Maria Gama. **A Voz do Poder no Jogo dos Sentidos: um estudo sobre a escola.** Maceió, Edufal, 2007.
- JOVCHELOVITCH, Sandra & BAUER, Martin W. **Entrevista Narrativa.** In. BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MÉLLO, Ricardo Pimentel. **A Construção da Noção de Abuso Sexual Infantil.** Belém: EDUFPA, 2006.
- ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli . **O Discurso dos Naturalistas.** Petrópolis, Cultura Vozes, 1993.
- _____. **A Gramática, O Estado e A Autoria.** Campinas, v. 4, p. 6-11, Relatos, 1997.

_____. **A Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** Campinas, Pontes , 2001.

PANIAGO, Maria de Lourdes F. dos S. **Práticas Discursivas de Subjetivação em Contexto Escolar.** Araraquara, 2005. Tese de Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista – UNESP.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso, uma Crítica à Afirmação do Óbvio.** Campinas, UNICAMP, 1988.

SPINK, Mary Jane. **Linguagem e Produção de Sentidos no Cotidiano.** Porto Alegre, EDIPUCRS, 2004.